

ANÁLISE DE COMENTÁRIOS NEGATIVOS PRESENTES EM UMA REPORTAGEM ON- LINE QUE ABORDA AS DIFICULDADES ENFRENTADAS POR MÃES CIENTISTAS NA PANDEMIA

Laís Gedoz

Doutoranda do PPG Ensino de Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul- UFRGS, lais.gedoz@ufrgs.br;

Alexsandro Pereira de Pereira

Professor orientador: Doutor, PPG Ensino de Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS, alexsandro.pereira@ufrgs.br;

Daniela Borges Pavani

Professora coorientadora; Doutora do Departamento de Astronomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul- UFRGS, dpavani@if.ufrgs.br.

Resumo

Com o surgimento da pandemia causada pelo Covid-19, vários obstáculos enfrentados pelas mulheres no campo científico se intensificaram. Antes, as mulheres já enfrentavam uma dupla jornada de trabalho e encontravam dificuldades de conciliar a maternidade com o trabalho mantendo a produtividade na pesquisa. Agora na pandemia, essas questões se intensificaram. Cada vez mais, a mídia tem divulgado tais problemas, mas nem sempre o público é receptivo e compreensivo com quem passa por essas situações. Com base nisso, o objetivo deste trabalho é analisar os comentários negativos de uma reportagem publicada no dia 26 de maio de 2020 no site da UOL que aborda os desafios enfrentados na pandemia pelas mães cientistas. Essa reportagem foi selecionada, pois foi a única que abordava essas questões e possuía os comentários abertos para o público em geral. O referencial teórico utilizado são os estudos de Londa

Schiebinger sobre a participação das mulheres na ciência e as questões sobre maternidade. Para a análise dos dados foi utilizado a Análise de conteúdo de Bardin. Dos 45 comentários disponíveis até o momento, 26 deles eram críticas ao conteúdo apresentado na reportagem. As categorias emergentes desta análise mostram que alguns leitores da reportagem consideraram que as mães cientistas que relatam dificuldades estão se fazendo de vítimas, que as dificuldades enfrentadas são opções da mulher já que ela poderia ter optado por não ter filhos ou diminuem o problema utilizando o argumento que todos estão passando por dificuldades.

Palavras-chave: Maternidade na ciência, Pandemia, Comentários na mídia.

Introdução

Antes do surgimento da pandemia causada pelo Covid-19, as mães cientistas já enfrentavam dificuldades para conciliar suas carreiras profissionais com as demandas da maternidade. Na análise das narrativas das trajetórias de mães cientistas, realizada por Silva e Ribeiro (2014), fica evidente as dificuldades enfrentadas pelas pesquisadoras que possuem filhos. As principais barreiras identificadas são: “à dupla jornada de trabalho, à maternidade, à produtividade em pesquisa, à competição, ao preconceito e discriminação de gênero” (SILVA & Ribeiro, p. 464, 2014).

Mesmo que tais problemas estejam sendo mais discutidos e divulgados na mídia, nem sempre o público é receptivo ao se deparar com relatos de pesquisadoras que se encontram com tais dificuldades. Com base nisso, o objetivo deste trabalho é analisar os comentários negativos de uma reportagem publicada no dia 26 de maio de 2020 no site da UOL que aborda os desafios enfrentados na pandemia pelas mães cientistas¹.

Utilizando a análise de conteúdo proposta por Bardin (2011), e seguindo as etapas de pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, foram selecionados, categorizados e analisados os comentários negativos. Foram analisadas as categorias que apareceram com maior frequência que foram duas: Minimização das dificuldades e Dificuldades opcionais, contendo 7 e 10 frases, respectivamente.

Os comentários classificados na categoria da Minimização das dificuldades indicavam principalmente que todos estão sofrendo e que são as mulheres que precisariam resolver os problemas que estavam enfrentando. Esses comentários utilizavam o argumento de que elas optaram por passar por essas dificuldades. Já os comentários classificados na categoria Dificuldades opcionais apontam que a solução para os problemas enfrentados é não ter filhos ou arranjar um marido que ajude nas tarefas domésticas e no cuidado com os filhos.

1 Este trabalho recebeu auxílio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) – projeto N° 409980/2018-8.

A análise desses comentários mostra que não são apontados problemas na sociedade ou na estrutura do meio acadêmico. Os argumentos utilizados são pautados numa lógica meritocrática que considera que as mulheres estão na posição que merecem de acordo com seu esforço e dedicação. Tal lógica, presente nesses comentários, também está presente dentro do meio acadêmico – a baixa produtividade acadêmica das mães cientistas seria fruto de uma pouca dedicação ao trabalho e não devido aos problemas estruturais presentes na sociedade e no meio acadêmico (SILVA & RIBEIRO, 2014).

Metodologia

A análise deste trabalho seguiu as etapas propostas por Bardin (2011): pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados. Na pré-análise, utilizando as palavras-chave maternidade, cientistas e pandemia no site de pesquisa Google, foi realizada uma busca por notícias on-line que abordam os desafios enfrentados pelas mães cientistas durante a pandemia. A única reportagem selecionada para análise foi a matéria publicada no site da UOL² no dia 26 de maio de 2020, pois foi a única que possuía os comentários abertos para o público em geral.

A reportagem continha 45 comentários que foram copiados e adicionados em uma planilha. Em seguida, foram selecionados apenas os comentários negativos que se referiam a matéria, restando assim 23 frases. Na fase de exploração do material foi realizada a codificação e categorização das frases. Em seguida, foi realizado o tratamento dos resultados apenas nas categorias que apareceram com mais frequência, e que foram o foco das discussões deste trabalho. As categorias analisadas foram Minimização das dificuldades e Dificuldades opcionais, contendo 7 e 10 frases, respectivamente.

Referencial teórico

Segundo Schiebinger (2001), assim como qualquer aspecto da cultura, o cuidado e assistência aos filhos não está determinado pela

2 A reportagem pode ser acessada através do link a seguir: <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2020/05/26/pandemia-pode-acentrar-disparidade-entre-homens-e-mulheres-na-ciencia.htm>. Acesso em 16 de maio de 2021.

natureza, mas sim, são construções sociais que são configuradas a partir de prioridades políticas e contingências sociais. Um exemplo disso é que no século XVIII as mulheres pertencentes as classes sociais mais altas não eram tão sobrecarregadas com o cuidado dos filhos como atualmente. Naquele período, logo após o nascimento, os filhos eram entregues a amas de leite e eram criadas nas casas de campo. Muitas vezes, os pais só voltavam a ver os filhos quando eles já tinham sete anos, período no qual as meninas eram entregues a governantes e os meninos eram mandados a internatos. Depois desse período a maternidade é reformulada (SCHIEBINGER, 2001).

A maternidade moderna, como ocorre hoje em dia, ganhou força no final do século XVII e passou a considerar que a mulher que deu a luz ao filho é quem deve arcar com a responsabilidade do cuidado da criança. Durante a Revolução Científica dos séculos XVII e XVIII, as instituições científicas foram estruturadas de forma que atribuíram ao papel do homem atuar como cientista, enquanto a mulher cuidava das tarefas domésticas e dos filhos. Assim, os desafios de conciliar as responsabilidades profissionais e domésticas possuem raízes históricas profundas que se mantêm nos tempos atuais (SCHIEBINGER, 2001. Segundo a autora:

A ciência moderna é um produto de centenas de anos de exclusão das mulheres, e, por isso, o processo de trazer mulheres para a ciência exigiu, e vai continuar a exigir, profundas mudanças estruturais na cultura, métodos e conteúdo da ciência. Não se deve esperar que as mulheres alegremente tenham êxito num empreendimento que em suas origens foi estruturado para excluí-las. (SCHIEBINGER, 2001, p. 37)

Para que ocorram mudanças significativas dentro da ciência é preciso, além de incentivar a participação das mulheres no campo científico, que sejam propostas políticas públicas e ações afirmativas que tenham como objetivo a equidade de gênero no campo científico. Ao olharmos para a história da ciência, é possível perceber que o número de mulheres na ciência depende dos contextos históricos, políticos e sociais e são nos momentos de crise que os privilegiados, os homens brancos, passam a ser ainda mais privilegiados (SCHIEBINGER, 2001).

O estudo de Machado et. al (2019) mostra que quando uma pesquisadora tem filhos sua produtividade acadêmica cai, em média, por 4 anos após o nascimento do seu primeiro filho. Durante os meses

de abril e maio de 2020, o grupo Parente in Science (2020) realizou um levantamento no Brasil para avaliar o impacto da pandemia de COVID-19 na produtividade de pesquisadores de ambos os sexos, com e sem filhos. O levantamento resultou na análise das respostas sobre uma amostra final composta por 3.345 respostas, de indivíduos distribuídos em todo o país. Destes, 75,9 % autodeclarados brancos, 68,4% mulheres e 70.7 % pais. Participaram da pesquisa docentes -pesquisadores, discentes da pós-graduação e pós-doutorandos. Os grupos que tiveram sua produtividade acadêmica mais afetada foram as mulheres brancas com filhos e mulheres negras, com e sem filhos. No entanto, a produtividade acadêmica dos homens, principalmente os que não tem filhos, foi a menos impactada. Este foi o primeiro estudo a fornecer dados conclusivos sobre o papel da maternidade e raça no desequilíbrio da produtividade na ciência durante a pandemia. Segundo o artigo, os resultados para o contexto brasileiro são semelhantes aos de estudos baseados no contexto norte-americano, mostrando que mães que trabalham, incluindo aquelas na academia, podem ser afetadas de forma desproporcional pela crise do COVID-19 (STANISCUASKI et al., 2021). Vemos aqui a desigualdade histórica entre homens e mulheres, assumindo em momentos de crise uma disparidade como discutido por Schiebinger (2001).

Resultados e discussão

Dos 7 comentários classificados na categoria Minimização das dificuldades foram identificadas duas formas recorrentes para menosprezar a situação relatada pelas cientistas. A primeira forma de diminuir é utilizando o argumento de que todos estão sofrendo. As dificuldades relatadas pelas pesquisadoras são interpretadas como se elas estivessem considerando que somente elas estão sofrendo. Exemplos desse tipo de comentário são: “*Segundo a narrativa feminista, parece que só as mulheres estão sofrendo. Parem com isto, já deu. Todos estão sofrendo[...]*” e “*[...] todos estão sofrendo. Está cada vez mais difícil conviver com uma sociedade cheia de mimimis, nomes como buling, feministas , chato viu.*”

Além disso, também é interpretado que as pesquisadoras estariam afirmando que somente elas merecem um auxílio financeiro, como por exemplo o comentário: “*Ajuda compensatória para quem tem filhos e está na pesquisa? Quer dizer que a confeitadeira nao precisa. Quer*

dizer que a motorista não precisa. Quer dizer que estamos falando de mais um privilégio para uma classe? [...]”.

A segunda forma de diminuir as dificuldades é através do argumento de que as pesquisadoras estariam se fazendo de vítimas, como por exemplo: *“Meu Deus! é muito vitimismo, geração nutella essa que vivemos [...]”, “é, na crise os melhores se sobressaem. Desculpe meninas, mas não dá pra ficar culpando o patriarcado malvado toda a hora pra justificar uma eventual incompetência de vocês.”* e *“Espero honestamente que o mundo pós Covid seja mais fraternal e igualitário, sem privilégios a minorias, vitimismos nem coitadismos”*.

Na categoria Dificuldades opcionais foram observados com maior frequência comentários que diziam que as dificuldades enfrentadas pelas cientistas eram consequências das suas próprias escolhas por terem filhos ou por não terem escolhido um bom marido. Um exemplo disso são os comentários a seguir: *“Ter filho é opção. Casar é opção. Cuidar da casa é opção. Manter-se casado é opção. Logo a culpa dessas mulheres choronas é única e exclusiva delas!”*, *“Tudo é escolhas, mulheres não precisam ser mãe, mas se ela escolher aí não adianta fica chorando igual criança”* e *“[...] e casar é uma escolha sua, AGORA pare de chorar e vai TRABALHAR. Esta é a vida que suas escolhas a levaram”*.

Também foram encontrados comentários que sugeriam que esses problemas não existiriam se o aborto fosse liberado, ou se fossem utilizados métodos contraceptivos: *“Se elas soubesse pesquisaria que já existe um acessório chamado CAMISINHA e um remédio chamado Anticoncepcional”, “Já existe camisinha e anticoncepcional, fica a dica.”* e *“Se Haddad e Manuella fossem os presidentes nada disso aconteceria pois o aborto seria liberado”*.

A diminuição dos problemas que as mulheres enfrentam na nossa sociedade em relação a maternidade, como observado nos comentários da reportagem, também ocorrem dentro da ciência, como apontado por Schiebinger (2001). Nos comentários analisados é possível notar uma lógica “meritocrática” em que cada mulher estaria na posição em que merece devido ao fruto do seu esforço, da sua capacidade individual e da sua dedicação. Essa lógica também está presente no meio acadêmico.

A carreira científica é pautada num modelo masculino que envolve relações acadêmicas competitivas, valorização de características masculinas, compromissos em tempo integral e produtividade na pesquisa. Tal modelo dificulta a participação das mulheres na ciência.

Porém, esses aspectos são ignorados, tanto na sociedade, como é possível observar nos comentários da reportagem, como no meio acadêmico, que considera que a produção do conhecimento científico é resultado de “saberes descorporificados”, ou seja, sem gênero, classe social, etnia/raça, etc (SILVA & RIBEIRO, 2014).

Como no meio acadêmico persiste a tradicional divisão sexual do trabalho, as mães cientistas acabam enfrentando inúmeros obstáculos para dar conta das responsabilidades familiares e das exigências acadêmicas (SILVA & RIBEIRO, 2014). No que diz respeito as relações familiares e a desigual divisão de tarefas domésticas, dados de 2019 mostram que as mulheres dedicam em média 21,4 horas semanais nos afazeres domésticos ou no cuidado de pessoas, enquanto os homens dedica, 11 horas. Um dado relevante é que de 2016 para cá a diferença entre as médias masculinas e femininas aumentou de 9,9 para 10,4 horas semanais (IBGE, 2019). Análise, do presente trabalho, dos comentários mostrou que os problemas são atribuídos apenas às mulheres como se elas não fossem competentes nas suas funções. Não é atribuído um problema à cultura patriarcal presente na nossa sociedade e nem a estrutura do meio acadêmico.

Segundo Schiebinger (2001), foi no século XVIII que a maternidade foi ressignificada sendo atribuída à mulher a responsabilidade principal do cuidado da criança. Como podemos ver na análise, até hoje essa responsabilidade é atribuída às mulheres. Os problemas enfrentados no cuidado dos filhos é visto como algo inerente, não como algo a ser questionado, cuja solução considerada nos comentários seria de as mulheres optarem por não terem filhos.

O estudo realizado pelo grupo Parent in Science, recentemente publicados (STANISCUASKI et al., 2021) mostra que os pesquisadores que são homens e brancos produziram mais durante a pandemia do que as pesquisadoras brancas com e sem filhos e pesquisadoras negras com e sem filhos. Como apontado pelo grupo, esses resultados mostram como as questões de raça, gênero e maternidade contribuem para uma baixa participação das mulheres no campo científico. A análise dos comentários negativos da reportagem no site da UOL mostra que não só o meio acadêmico muitas vezes não é receptível a essas questões, mas também que a sociedade acaba muitas vezes diminuindo essas dificuldades.

Ressaltamos a importância da realização de ações afirmativas e políticas públicas que deem um suporte as dificuldades enfrentadas

pelas mães cientistas e também que contribuam para a diversidade e inclusão na ciência. Algumas sugestão apresentadas pelo grupo são:

Aumentar o prazo para submissão em editais de fomento; flexibilizar o prazo para prestação de contas e relatórios de projetos; elaborar editais específicos aos grupos mais atingidos, para evitar um aumento da disparidade de gênero e raça, agravando uma situação crítica que já existe; aumentar o tempo de análise do currículo para mulheres com filhos, em editais de financiamentos e concursos; programar os horários de reuniões, considerando o horário escolar no qual mães e pais devem dar suporte a seus filhos; redistribuir, sempre que possível, a carga horária didática e atividades administrativas de maneira a não sobrecarregar os grupos de cientistas mais atingidos pela pandemia (PARENT IN SCIENCE, 2020, p.12).

Além disso, também é importante a realização de ações para concientizar a sociedade desses problemas, já que, como apresentado nesta análise, nem sempre as pessoas são receptivas a essas questões. Essa falta de empatia resulta em um maior sofrimento das mães cientistas que acabam recebendo pouco apoio, e às vezes até ataques, da sociedade e do meio acadêmico.

Considerações finais

Neste trabalho foram identificadas duas estratégias utilizadas para atribuir significados maternidade. A estratégia da Minimização das dificuldades parece considerar que as mulheres é que precisam resolver os problemas. Já a estratégia da Dificuldades opcionais considera que a solução para os problemas enfrentados é não ter filhos. Não são apontados problemas na sociedade ou na estrutura do meio acadêmico. Como apontado por Harding (1986), o trabalho intelectual da ciência só será percebido como uma atividade desejável para as mulheres quando o cuidado infantil e o trabalho doméstico forem percebidos como atividades desejáveis igualmente para homens e mulheres.

Agradecimentos

Os autores agradecem à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e ao Conselho Nacional de

Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) – projeto Nº 409980/2018-8 – pelo financiamento recebido.

Referências

- BARDIN, L. Análise de conteúdo. Edições 70. Lisboa. Portugal, 2011.
- HARDING, S. G. The science question in feminism. Cornell University Press, 1986.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Síntese de Indicadores Sociais: Uma análise das condições de vida da população brasileira 2019. Rio de Janeiro: IBGE, 2019.
- MACHADO, L. S. et al. Parent in science: The impact of parenthood on the scientific career in brazil. In Proceedings of the 2nd International Workshop on Gender Equality in Software Engineering, GE 19, 37–40, DOI: 10.1109/GE.2019.00017 (IEEE Press, 2019).
- PARENT IN SCIENCE. Produtividade acadêmica durante a pandemia: efeitos de gênero, raça parentalidade, 2020. Disponível em: https://327b604e-5cf4-492b-910b-e35e2bc67511.filesusr.com/ugd/0b341b_81cd8390d0f94bfd8fcd17ee6f29bc0e.pdf?index=tru e. Acesso em 26 de fev. de 2021.
- SCHIEBINGER, L. O feminismo mudou a ciência. Bauru: Edusc, 2001.
- SILVA, F. F.; RIBEIRO, P. R. C. Trajetórias de mulheres na ciência:” ser cientista” e” ser mulher”. Ciência & Educação (Bauru), v. 20, n. 2, p. 449-466, 2014.
- STANISCUASKI, F. et al. Maternity in the Brazilian CV Lattes: when will it become a reality?. Anais da Academia Brasileira de Ciências, v. 93, n. 1, 2021.